

PRODUTOR: Emissora Nacional

RDP

Nº. de referência: 8 5-56

Título: "O CANGALHEIRO"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): PUCHKINE, ALEXANDRE

Adaptador: PINHÃO, LUÍS

Realizador: RIBEIRO, F. GUARADO

Locutor: ?

Data de produção: 20/1/1977

Data de Emissão: 7/2/1977

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
CARLOS MIGUEL	PROKHOROF
MARIA JOSÉ	SCHULTZ
HERMAN JOSÉ	AKULINA
VASCONCELOS VIANA	OFICIAL
LUIS HORTA	KURILKIM

Estado de conservação: Bom Razoável Mau

Tipo de Suporte:

Original Cópia

Registo Sonoro: Sim Não

Nº do Registo Sonoro:

Repus (V.S.F.F.) →

Notas:

- DIA ARTÍSTICA - F. GUARADO RIBEIRO

Indexação: - TEATRO RADIOFÓNICO



D.S.P.
R.P.L.

Programas com composição

FOLHA DE PRESENÇAS

Título do programa **Miniteatro "O Gangalheiro"**

Referência } N.º/R.P.L.
 } N.º S.P.P.

Episódio N.º Datas } da gravação 7 de Fevereiro de 1977 às 9,15m horas.
 } da 1.ª emissão de 19 Programa

Director artístico **Fernando Curado Ribeiro**

ELENCO DO PROGRAMA

Nome dos artistas ou vozes	Figuras	Rubricados intérpretes
Carlos Miguel	Prokhorof	
Herman José	Schultz	
Maria José	Akulina	
Vasconcelos Viana	Oficial	
Luís Horta	Kurilkim	

Pessoal da Emissora Nacional

Produtor

Locutor

Captação

Gravação

Visto do Chefe da S.P.P.

Lisboa, 7. de Fevereiro de 1977

MINI - TEATRO

O CANGALHEIRO

Um conto de

ALEXANDRE PUCHKINE

Numa adaptação de

LUÍS PINHAO

Personagens

- PROKHOROF - Carlos Miguel
- AKULINA - Maria José
- SCHULTZ - Herman José
- OFICIAL - Vasco Veloso Vianna
- KURILKIM - Luis Horta

SERVIÇOS CRIATIVOS

PROGRAMA N° 332

DATA DE ENTRADA 20/1/77

PEDIDO DE GRAVAÇÃO
A GRAVAREM 7/2/77

HORA 9.15

PROGRAMA _____

EMISSÃO DE ____/____/____

____ - ____ HORAS

VISTO _____

NUMERO DO PEDIDO DE GRAVAÇÃO

original

Dir - F. C. Ribeiro
 Som - Carlos Alves
 A. Vícu - Silva Alves

P U C H K I N E - (1799-1837) - Alexandre Sergievitch Puchkine, famoso poeta e escritor russo, nasceu em 26 de Maio de 1799, em Moscovo, e morreu em 29 de Janeiro de 1837, em Sampetersburgo, hoje Leninegrado - Petrogrado, de 1914 a 1924 -, após um duelo com Jorge Dantés, depois barão de Heeckeren, oficial estrangeiro ao serviço da Rússia, que lhe cortejava a esposa. Filho de uma família de nobres russos - antigos boiardos - seu pai, Sérgio Lvovitch, inculcou-lhe um gosto apaixonado pela literatura francesa. Em 1811, entrou para o Liceu de Tsar-koi-Selo, tradicional estabelecimento de ensino da Rússia Imperial, para onde eram enviados os filhos dos aristocratas. A guerra com Napoleão inflama o patriotismo do jovem estudante e suscitou os seus primeiros versos. Quando saiu do Liceu entrou para o Ministério dos Negócios Estrangeiros; fez parte da sociedade literária "Arzamos" e escreveu um poema romântico, "Russlan e Ludmilla", e várias obras que por causa do seu liberalismo e do seu carácter licencioso não figuram entre as obras publicadas na Rússia. Poeta, romancista, historiador e dramaturgo, do seu aparecimento nas letras russas, é costume datar a idade de ouro da literatura no seu país. Inteligência viva, vibrante, embora um tanto impulsiva, não podia mesmo agradar aos autocratas. Ocupava um alto cargo no Ministério, graças à sua ascendência, e tinha tudo para brilhar, fazer carreira, como tantos companheiros seus, igualmente nobres. Todavia, o seu temperamento estava longe de ser acomodaticio, de pactuar com os desmandos das autoridades. Iniciou fortes ataques contra personalidades em evidência na administração pública, principalmente epigramas contra o príncipe Voronjov, o que lhe acarretou a demissão e o exílio para o Sul da Rússia, em 1820, e, dali, em 1824, para o seu domínio de Mikhailovskoié, nas proximidades de Pskov. Durante o exílio, de 1820 a 1824, em que residiu alternadamente em Iekaterinoslav, Kichinev e Odessa, estudou Byron, e sob a influência do romântico poeta inglês escreveu: "O Prisioneiro do Cáucaso", "A Fonte de Backtchiserai" e "Onieguine". Os seus poemas são tão notáveis pelo idealismo e força de expressão como pela correcção, realismo e perfeição da forma. Em 1826 terminou o seu desvalimento, e o imperador Nicolau I acolheu-o com benevolência. Depois de 1827 começou a escrever obras em prosa. Em 1830, desposou Natália Gontcharov, da qual tinha ciúmes loucos, o que lhe veio a causar a morte prematura. Entre a sua numerosa produção literária, podemos destacar uma tragédia: "Bóris Godunov", universalmente conhecida, cujo assunto serviu para a ópera do mesmo nome, da autoria de Rimsky-Korsakov. O seu trabalho histórico mais importante é a "História de Pugachev". Embora morresse muito novo, Puchkine pode figurar entre os maiores da literatura russa, que tantos gigantes das letras tem dado ao mundo. As suas na

rativas referem-se, quase sempre, a ambientes humildes, aos sofredores, entre-
meando, muitas vezes, as suas desventuras com algo de humorístico, como, por
exemplo, em "O CANGALHEIRO".

A MÚSICA INICIAL, UM TRECHO QUE DÊ, TANTO QUANTO POSSÍVEL, IDEIA DE UM AMBIENTE MACABRO, VEM A PRIMEIRO PLANO - UM TEMPO - DEPOIS DILUI-SE ATÉ DESAPARECER

PROKHOROF

Akulina!... (PAUSA) AKULINA!...

AKULINA

O patrão chamou?

PROKHOROF

Claro que chamei!... Traz o samovar.

AKULINA

Outra vez?!

PROKHOROF

Sim, quero mais chá! (PAUSA) Onde estão as pequenas?

AKULINA - 2.º PLANO

As meninas foram visitar a Sr.ª Ivanovna.

PROKHOROF

Nunca param em casa.

AKULINA - APROXIMANDO-SE

Aqui tem o samovar.

PROKHOROF

Deixa ficar.

AKULINA

O patrão está preocupado...

PROKHOROF

Porquê? Porque dizes isso?

AKULINA

Ora, é fácil de ver-se!

PROKHOROF

Sim, tens razão! São múltiplos e variados os assuntos que preocupam o meu espírito neste momento. Enquanto saboreava a minha sétima chávena de chá, pensava... Sabes em quê, Akulina?

AKULINA

Como quer que eu saiba?

PROKHOROF

Pensava no último enterro que fiz, sob um memorável temporal, em que a chuva tanto prejudicou a essa, os fatos e o chapéu. Prevejo certas despesas inevitáveis, porque o material funerário encontra-se já em péssimo estado; ainda assim deposito, é certo, grandes esperanças na riquíssima Sr.^ª Truchina, que há mais de um ano flutua entre a vida e a morte.

AKULINA

A Sr.^ª Truchina, porém, parece inclinada a demorar a partida.

PROKHOROF

E essa circunstância não deixa de me preocupar, Akulina. Além disso, aflige-me o receio de que os herdeiros procurem outro agente funerário, apesar de me terem solenemente prometido que só eu serei encarregado de lhes enterrar a mãe. (PANCADAS NA PORTA, EM PLANO DISTANTE) Estão a bater! Vai ver quem é, Akulina! Quem será? Algum maçador...

AKULINA

Está ali um homem que lhe quer falar.

PROKHOROF

Quem é?

AKULINA

Não sei! À primeira vista parece ser um lojista alemão; pelo menos, tem todo o aspecto disso.

PROKHOROF

Que entre.

AKULINA

Faça o favor de entrar.

SCHULTZ - ENTRANDO

Desculpe-me, meu bom vizinho, de vir perturbar, assim, o seu sossego...

PROKHOROF

Queira dizer.

SCHULTZ

Desejo travar conhecimento consigo. Sou, por ofício, sapateiro, e chamo-me Gottlieb Schultz...

PROKHOROF

Schultz?

SCHULTZ

Sim, sou alemão. Moro do lado oposto desta rua, naquela casita em frente das suas janelas. Amanhã, celebro as minhas bodas de prata e esperamos que o senhor e as suas filhas nos dêem a honra de jantar connosco.

PROKHOROF

Agradeço, profundamente sensibilizado. Apesar de meu sombrio mister, gosto de conviver. Por isso, aceito, encantado, o seu amável convite. E as minhas filhas saberão apreciar devidamente a honra que lhes é concedida.

S E P A R A D O R

PROKHOROF - BÊBEDO

Akulina!... Akulina!... Vem descalçar-me as botas.

AKULINA

O patrão vem bonito, sim senhor!

PROKHOROF

Achas?...

AKULINA

As meninas também vieram um pouco tocadas. Tive de as ajudar a deitar. A festa

do sapateiro alemão deve ter sido de arromba!

PROKHOROF

Foi! Lá isso, foi!... Só não compreendo o que faria rir tanto... Sabes uma coisa, Akulina?

AKULINA

O quê, patrão?

PROKHOROF

Recordo-me, pois já li alguma coisa na biblioteca das minhas românticas filhas, de que tanto Shakespeare como Walter Scott descrevem os seus covéiros como sendo criaturas alegres e amigas de gracejar. Pois eu, Akulina, com a devida deferência à verdade, não posso seguir-lhes o exemplo, e confesso que as minhas disposições de espírito se harmonizam perfeitamente e normalmente com o meu sombrio mister. Sim, tu, Akulina, sabes bem que eu, Adriano Prokhorof, sou por temperamento, carrancudo, pensativo e reservado. Apenas rompo o silêncio habitual em ocasião de especial urgência, como, por exemplo, para repreender as minhas filhas, se as apanho ociosas, à janela...

AKULINA

Ou para pedir o triplo do preço pelos caixões dos infelizes - e às vezes dos felizes - que de tal precisem...

PROKHOROF

O quê?... O que é que estás para aí a dizer?

AKULINA

Nada! Eu não disse nada, patrão

PROKHOROF

Ah, bom! Pois apesar de tudo gosto de conviver; de sentir um pouco de calor humano.

AKULINA

Pois, pois!... Por agora contente-se com o calor da cama. Vá deitar-se, ande...

PROKHOROF

Espera, Akulina! Deixa-me acabar. A casita do sapateiro estava cheia a transbordar, constando às visitas, na sua maioria, de operários alemães, com as suas mulheres e os seus aprendizes. Havia lá, apenas, um funcionário russo, Urko, velho polícia, que, apesar de seu humilde nome e das funções que desempenha, aprendeu hábilmente a arte de predispor as pessoas de influência a seu favor. É muito popular e conhecidíssimo entre os residentes alemães do distrito de Nikitski, e, sem a sua presença, considera-se incompleta qualquer reunião. Eu - podes crer, Akulina! -, quase desde o primeiro momento, fiquei encantado com Urko: "Vale a pena, pensei, travar relações com um homem assim"...

AKULINA

Também vale a pena ir para a cama. Vá, vá, ande...

PROKHOROF

Espera mais um pouco, Akulina!... Deixa-me desabafar... Tanto Schultz e a mulher, como Lotchen, sua filha, de dezassete anos, trataram do jantar com o máximo cuidado, havendo de tudo em abundância. Apesar de Urko ingerir suficiente alimento para sustentar quatro homens, eu não lhe quis ficar atrás. Fizemos ambos honra ao jantar. A conversação, em alemão, no entanto, ia-se tornando mais e mais bulhenta. De repente, o dono da casa pediu atenção. Tirando a rolha de uma garrafa, encheu o copo, exclamando, em russo: - Bebo à saúde da minha querida Luísa! Depois, abraçou com ternura a consorte, que terá quarenta e cinco anos, imprimindo-lhe na face rosada um ruidoso beijo. Os convivas, seguindo-lhe o exemplo, esgotaram as taças, bebendo à saúde da "querida Luísa"... - Agora, bebo à saúde dos meus nobres amigos! - exclamou o anfitrião, abrindo outra garrafa. Os convivas, agradecendo-lhe à gentileza, esvaziaram de novo os copos, e dali em diante continuaram as saúdes, em rápida sucessão. Bebemos, separadamente, à saúde de cada pessoa e, depois, à de todos; à saúde da cidade de Moscovo e à saúde de uma dúzia de colónias alemãs, dentro e nas cercanias da cidade de Moscovo; à saúde de todos os operários e artistas, como corporação e separadamente, a cada individualidade conhecida; à saúde dos patrões e à saúde dos seus aprendizes. Claro que bebi copo sobre copo, tornando-me tão alegre que cheguei eu próprio a fazer uma chistosa saúde. Seguiu-me o exemplo um gordo padeiro, que, empunhando um copo cheio de vinho, bebeu à saúde... "Unserer Kundleute"... Sabes o que quer dizer?

AKULINA

Eu não!

PROKHOROF

Dos nossos fregueses - Unserer Kundleute... A esta última saúde, como aliás às outras, todos, unânimemente, respondemos. Seguiu-se uma troca geral de amabilidades: o alfaiate cumprimentou o sapateiro, o sapateiro cumprimentou o alfaiate e o padeiro cumprimentou o sapateiro e o alfaiate. Enquanto se efectuava esta troca de cumprimentos, Urko levantou-se e, voltando-se para mim, dirigiu-me a seguinte pergunta: - Olhe lá, amigo, então não faz uma saúde aos seus fregueses enterrados? Este gracejo fez rir às gargalhadas os circunstantes... Sentindo-me ofendido, assumi um ar sombrio... E voltei para casa com as minhas filhas...

AKULINA

E muito bêbado.

PROKHOROF

Ahn?... O que faria rir tanto aqueles idiotas?

AKULINA

Sei lá.

PROKHOROF

Porventura não é tão honroso o meu ofício como os deles?... Ah! Quererão eles comparar um coveiro com um carrasco?... Ora esperem... Eu tencionava oferecer-lhes um jantar em minha casa... mas agora... nunca!... Convidarei só os meus fregueses... Sim... os meus fregueses mortos e cristãos...

AKULINA

O quê?!... Que está a dizer?

PROKHOROF

É como te digo, Akulina!... Só convidarei os meus fregueses mortos e cristãos...

AKULINA

Por que está dizendo tantas tolices, patrão?... Persigne-se e vá deitar-se, ande... Ora, que ideia!... Convidar gente morta para jantar! Então, não querem lá ver?...

PROKHOROF

Pois está combinado. Tão certo como eu me chamar Adriano Prokhorof, hei-de convidá-los a todos, amanhã. Vinde, meus bondosos amigos mortos, vinde partilhar da minha hospitalidade. Vinde... todos!... Vinde... Vinde... Vinde...

S E P A R A D O R

AKULINA

Sr. Prokhorof!... Sr. Prokhorof!...

PROKHOROF - ENSONADO

Ahn?... O que há?

AKULINA

Alegre-se, patrão! Chegou, enfim, o dia em que a Sr.^ª Truchina se resolveu a partir.

PROKHOROF

O quê?!... Que dizes tu?!...

AKULINA

Está lá dentro um moço que o vem chamar.

PROKHOROF

Diz-lhe que vou já... É só vestir-me... E dá-lhe dez "kopecks" como recompensa pela feliz notícia.

AKULINA

É para já, patrão!

S E P A R A D O R

PROKHOROF - BAIXO

E esta, hem!... Alguém abriu o portão e entrou no pátio... Quem será?... Quem me quererá falar, a esta hora?... Talvez algum ladrão... ou um namoro para as patetas das minhas filhas! São casos fáceis de acontecer... E se eu chamasse em meu auxílio o amigo Urko?... Mas, não! Não vale a pena! Cá me arranjarei...

O quê?!... Outro?!... Que quererá isto dizer?!...

OFICIAL - BRUSCO

Boa noite, Prokhorof!

PROKHOROF - BAIXO

Houlá!... As feições do intruso não me são de todo desconhecidas, apesar de não me recordar do nome... (ALTO) Vem dar-me a honra da sua visita? Queira entrar.

OFICIAL - SECO

Não esteja com cerimónias, Prokhorof! Vá á frente; ensine o caminho às suas visitas!

PROKHOROF - BALBUCIANDO

Com certeza...

OFICIAL

Vá andando, conduza-me à sua sala de recepção! (PAUSA PREENCHIDA COM PASSOS)
Então?...

PROKHOROF

É aqui!... Ah!... (O RUÍDO DA RECEPÇÃO VEM A PRIMEIRO PLANO E DEPOIS AFASTA-SE)
Akuliná!...

AKULINA

Ah, é o patrão! Finalmente que chegou.

PROKHOROF

Há alguma novidade?

AKULINA

Que eu saiba, não! Devia ter vindo mais cedo.

PROKHOROF

Bem sabes que tive um dia levado dos diabos! O funeral da Sr.ª Truchina ocupou-me todo o tempo. Sim, tive um dia muito trabalhoso, e foi com alívio que vi chegar a noite e terminado o meu trabalho. Porém, ao aproximar-me de casa, vi

entrar diversas pessoas.

AKULINA

São os seus convidados... Também, para o que havia de lhe dar... Convidar tanta gente tendo uma casa tão pequena... E eu sòzinha para tudo... As meninas desapareceram. Fecharam-se no quarto e não há quem as veja. E eu não sou imensa... Não sei se darei conta do recado...

PROKHOROF

O que é que estás para aí a dizer?

AKULINA

Que tem a casa cheia de gente.

PROKHOROF

O quê?!... Que demónio significa tudo isto?

AKULINA

O patrão bem sabe...

PROKHOROF

Não! Não é possível!

AKULINA

Que tem, patrão? Está a tremer como varas verdes...

PROKHOROF

Olha, Akulina!...

AKULINA

O quê?

PROKHOROF

A sala está povoada... de fantasmas!

AKULINA

Fantasmas?!... O patrão não está bom!... São os seus convidados.

PROKHOROF

Toda esta gente já morreu; está morta, Akulina! Logo são fantasmas!

AKULINA

Para o que havia de lhe dar.

PROKHOROF

Acredita, Akulina! Reconheço-os todos.

AKULINA

É natural! São seus amigos...

PROKHOROF

O desconhecido com quem falei há pouco é o oficial reformado que enterrei num memorável dia de chuva. Aquele que se conserva a distância, parecendo envergonhar-se do fato pobre e coçado que veste, é um homem recentemente enterrado a expensas da paróquia. Todos os outros - repara, Akulina! - trajam de pano fino, de seda ou de cetim, ostentando uniformes os da estirpe nobre, enquanto os comerciantes vestem os "Kaftans" domingueiros. Se eu não hei-de reconhecer os meus clientes...

AKULINA

O senhor é que os convidou. Mas não esteja a tremer. Parece aterrado.

PROKHOROF

É que os rostos cadavéricos, as bocas chupadas, os olhos turvos e semicerrados, inspiram pavor.

AKULINA

Devia ter pensado nisso antes. Agora tem de aguentar... Olhe, o oficial reformado dirige-se para aqui.

PROKHOROF

Não me deixes só, Akulina!

OFICIAL

Então não sabia, Prokhorof?

PROKHOROF

O quê?

OFICIAL

Aceitámos o seu convite e viemos aqui gozar a sua hospitalidade.

PROKHOROF

Foram muito amáveis.

OFICIAL

Só deixaram de vir aqueles que de todo em todo não se podiam mexer, os que se desfizeram em pedaços, os que já não tinham carne nem pele nos ossos.

PROKHOROF

Que pena! Lamento imenso...

OFICIAL

Afora esses, vê aqui reunidos todos os seus fregueses e até, entre os desventurados, um houve que não pôde resistir ao seu tentador convite, e também o veio visitar.

PROKHOROF

Não era preciso incomodar-se...

OFICIAL

É aquele!

PROKHOROF - ATERRADO

Ah, é aquele!... (BAIXO) Vês, Akulina? Um pequeno esqueleto que se dirige para aqui, abrindo caminho aos empurrões...

AKULINA

Tenha calma, patrão!

PROKHOROF

Traz o fato em farrapos e os ossos dos pés batem uns nos outros, com ruído sinistro, dentro das botas de montar...

KURILKIM

Não me conheces, Prokhorof?

PROKHOROF

Eu...

KURILKIM

Não te recordas do ex-sargento da guarda, Pedro Petrovitch Kurilkim?

PROKHOROF

Pedro Petrovitch Kurilkim?!...

KURILKIM

O próprio, a quem, em 1799, vendeste o teu primeiro caixão?

PROKHOROF

Eu...

KURILKIM

Não te recordas já do caixão de pinho que tão amavelmente fornecestes em substituição do caixão de carvalho que já te havia sido pago?

OFICIAL

Mas isso foi uma patifaria!...

KURILKIM

Uma usura daquelas precisa de ser castigada...

OFICIAL

Meus amigos, temos de dar uma lição a este tratante... (GRANDE BORBORINHO)

PROKHOROF

Socorro!... Akulina, salva-me!... Socorre-me, Akulina!... Akulina!...

S E P A R A D O R

AKULINA

Até que enfim! Sim, senhor, dormiu-lhe bem!... O vizinho, o alfaiate, veio aqui

convidá-lo para uma festa de anos, mas não quisemos interromper-lhe o sono.

PROKHOROF

E as visitas?

AKULINA

Quais visitas?!

PROKHOROF

As que encontrei cá em casa, depois do enterro da Sr.^ª Truchina...

AKULINA

O quê? Ela morreu?!

PROKHOROF

Sempre és muito parva, rapariga! Onde tens a cabeça? Pois não foste tu própria que me ajudaste a vestir o fato para o enterro dela?

AKULINA

O patrão está doido, ou são ainda os efeitos da "piela"? De que enterro fala? Ontem, passou o dia todo com os alemães, veio para casa a cair de bêbado...

PROKHOROF

Então, não houve enterro?

AKULINA

Que eu saiba, não!

PROKHOROF

Nem fantasmas?!

AKULINA

Que fantasmas?!

PROKHOROF

Os que estavam à minha espera, e se atiraram a mim, durante a recepção... Fui cercado e de todos os lados romperam terríveis ameaças de vingança.

AKULINA

O patrão não está bom!

PROKHOROF

Esmagado, e quase ensurdecido pelo tumulto, caí sobre os ossos do ex-sargento da guarda e perdi os sentidos.

AKULINA

Ah! Esperei... Durante a bebedeira, só dizia que ia convidar os seus fregueses mortos e cristãos.

PROKHOROF

E depois?

AKULINA

Depois, deitou-se e dormiu até agora.

PROKHOROF

Então, foi tudo um sonho?

AKULINA

Com certeza.

PROKHOROF

Será possível?

AKULINA

É, com certeza!

PROKHOROF

Bem, então chama as pequenas e vamos almoçar.

----- F I M -----